

Dietas diversas e saudáveis para todos: *Como o foco em dietas saudáveis pode transformar sistemas alimentares e ação climática*

Esta declaração é o resultado da oficina da Rede de Saúde e Clima (Health and Climate Network, HCN) sobre "Colocar a nutrição e dietas saudáveis no centro da reforma dos sistemas agrícolas e ação contra as mudanças climáticas", realizada em 28 de fevereiro de 2023. A oficina contou com a participação de especialistas internacionais que trabalham nos sistemas alimentares e agrícolas, mudanças climáticas, nutrição e saúde. Este é um apelo àqueles que trabalham em reformas dos sistemas alimentares e ação climática na agricultura e terra, para colocar dietas saudáveis e sustentáveis para todos como objetivo central.

A coexistência de fome, obesidade e ameaça climática - nosso sistema alimentar está matando pessoas e o planeta.

O atual sistema alimentar global não fornece acesso adequado a dietas saudáveis, mas está ameaçando a saúde e as vidas de mais da metade da população mundial. Os níveis de obesidade, doenças não transmissíveis relacionadas à dieta (DCNTs) e o consumo de alimentos ultraprocessados não saudáveis estão aumentando, enquanto os níveis de insegurança alimentar e desnutrição persistemⁱ.

O Atlas Mundial da Obesidade 2023ⁱⁱ prevê que mais de 50% do mundo, ou mais de 4 bilhões de pessoas, estarão vivendo com obesidade ou sobrepeso nos próximos 12 anos. Mas em 2019, cerca de 750 milhões de pessoas estavam em situação de insegurança alimentar, e estima-se que 2 bilhões de pessoas não tinham acesso adequado a alimentos seguros e nutritivos. Em 2021, o número de pessoas afetadas pela fome aumentou para 828 milhõesⁱⁱⁱ. No Brasil, sozinho, dietas ricas em alimentos ultraprocessados causam mais de 50.000 mortes por ano^{iv}, enquanto 30 milhões de pessoas passam fome^v.

As soluções para alimentar o mundo estão focadas em aumentar os rendimentos e calorias, em vez de promover o direito a alimentos e nutrição adequados. Isso distorceu a narrativa dos sistemas alimentares globais e resultou em sistemas alimentares orientados pelo lucro que prejudicam a saúde humana, ecológica e animal. O sistema alimentar industrial predominante é caracterizado pela dependência de combustíveis fósseis (como fertilizantes e pesticidas derivados de combustíveis fósseis), monoculturas, produção intensiva de gado e mercantilização dos alimentos, resultando em poluição ambiental, perda de biodiversidade e questões de saúde e sociais.

Essa abordagem industrial de produção de alimentos é uma das principais razões pelas quais os alimentos que comemos são responsáveis por um terço de todas as emissões globais de gases de efeito estufa (GEE). Não será possível alcançar os objetivos do Acordo de Paris sobre Mudanças Climáticas sem uma transformação dos nossos sistemas alimentares. Mesmo que as emissões de combustíveis fósseis parem hoje, não atingiremos a meta de temperatura de 1,5°C devido às emissões relacionadas aos sistemas alimentares^{vi}.

No entanto, os países continuam a fornecer subsídios, incentivos e políticas para apoiar sistemas alimentares insustentáveis. Uma análise recente mostrou que os produtos intensivos em emissões e não saudáveis (como açúcar industrialmente produzido e processado, carne bovina, arroz e laticínios) recebem mais apoio fiscal público em comparação com frutas e legumes^{vii}. Do lado da oferta, esse apoio público tem o duplo efeito de aumentar a produção desses produtos não saudáveis, que podem ser uma ameaça à soberania alimentar do país, ao mesmo tempo que cria desincentivos para produzir alimentos saudáveis e culturalmente aceitáveis. Além de influenciar as decisões dos agricultores durante a produção de alimentos, os subsídios públicos também podem influenciar a demanda (comportamento de compra do consumidor) por meio de preços distorcidos mais elevados para alimentos mais saudáveis e sustentáveis que não recebem subsídios. Um estudo realizado no Brasil^{viii} mostrou que um suco de uva orgânico e integral produzido por agricultura familiar paga em média cinco vezes mais impostos do que as grandes indústrias (grandes empresas alimentícias) que produzem bebidas ultraprocessadas com sabor de uva.

Em muitas partes do mundo, alimentos ultraprocessados, ricos em sal, açúcar e gordura, estão se tornando mais baratos e acessíveis do que alimentos saudáveis, minimamente processados e frescos. Isso cria comunidades ou bairros que são desertos nutricionais^{ix}, com pouco ou nenhum acesso a alimentos saudáveis^x. Alimentos cada vez mais industrializados estão substituindo as dietas e práticas agrícolas tradicionais.

Além disso, os sistemas alimentares e agrícolas têm significativas implicações para o uso da terra. A pecuária (carne e laticínios) ocupa 77% das terras agrícolas do mundo para produzir 18% de todas as calorias e 37% de todas as proteínas produzidas globalmente^{xi}. Isso é um dos principais impulsionadores da crise de biodiversidade e natureza.

Além disso, é preciso cautela ao comemorar as tecnologias alimentares industriais que são apresentadas como soluções, mas não oferecem a mudança transformadora necessária. Por exemplo, há um mercado crescente para "proteínas alternativas" que são apresentadas como substitutos da carne^{xii}. No entanto, essas fontes de proteína muitas vezes são altamente processadas, ricas em gordura, sal e aditivos químicos, e, portanto, não necessariamente saudáveis para as pessoas ou para o planeta. Além disso, tecnologias de solução de curto prazo, como pílulas para o gado para reduzir as emissões de metano de animais criados intensivamente, não abordam os impactos mais amplos das mudanças climáticas e da natureza no uso da terra requerido para a produção de alimentos industrializados^{xiii}.

Os impactos das mudanças climáticas e da destruição da natureza estão aumentando a desigualdade alimentar em todo o mundo, com comunidades vulneráveis susceptíveis tanto à desnutrição em todas as suas formas quanto a choques climáticos. Isso ameaça minar o progresso em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o objetivo geral da Agenda 2030 de não deixar ninguém para trás. As desigualdades alimentares e a vulnerabilidade expostas pela pandemia de Covid-19 são ainda exacerbadas por crises concomitantes, incluindo a segurança energética e a guerra na Ucrânia. Após permanecerem relativamente inalteradas desde 2015, a proporção de pessoas afetadas pela fome aumentou em 2020 e continuou a aumentar para 9,8% da população mundial em 2021, em comparação com 8% em 2019 e 9,3% em 2020.

A ciência mais recente do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)^{xiv} afirma com alta confiança que eventos climáticos extremos relacionados ao clima têm exposto milhões de pessoas à insegurança alimentar aguda e à redução da segurança hídrica, com os maiores impactos observados em muitas localidades e/ou comunidades na África, Ásia, América Central e do Sul, Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID) e no Ártico.

Plano de quatro pontos para sistemas alimentares diversos, saudáveis e positivos para o clima

Dieta saudável e sustentável – IPCC AR6

“Transitar para dietas sustentáveis e saudáveis requer políticas de reforma efetivas voltadas para o sistema alimentar que integrem as políticas de agricultura, saúde e meio ambiente.” IPCC AR6

O Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC AR6)^{xv} é claro sobre os benefícios climáticos, de biodiversidade e saúde da transição para dietas sustentáveis e saudáveis, com uma maior participação de proteína vegetal, consumo moderado de alimentos de origem animal e redução no consumo de açúcares adicionados, sal e gorduras saturadas:

- O termo "dietas sustentáveis e saudáveis" refere-se a padrões alimentares que promovem todas as dimensões da saúde e bem-estar individual, possuem baixa pressão e impacto ambiental, são acessíveis, econômicas, seguras e equitativas e são culturalmente aceitáveis.
- Dietas saudáveis e sustentáveis contribuirão para prevenir todas as formas de desnutrição (ou seja, desnutrição, deficiência de micronutrientes, obesidade e doenças não transmissíveis relacionadas à dieta) nos países em desenvolvimento.
- Os benefícios incluem a redução do risco de doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2, câncer, bem como a redução da mortalidade associada a essas doenças não transmissíveis relacionadas à dieta.
- Uma mudança para dietas sustentáveis e saudáveis pode levar a diminuições substanciais nas emissões de gases de efeito estufa e na ocupação de terras e perda de nutrientes no ambiente circundante.
- Além dos ganhos na mitigação do clima, a transição para um consumo mais baseado em plantas e uma redução no consumo de alimentos de origem animal, particularmente de animais ruminantes, pode reduzir a pressão sobre florestas e terras usadas para alimentação, apoiando a preservação da biodiversidade e saúde planetária.

Os sistemas alimentares do futuro não devem ser baseados nos sistemas alimentares destrutivos e não saudáveis de hoje. Transformar nossos sistemas alimentares requer adotar um novo objetivo que priorize a saúde e o bem-estar humano, ecológico e animal. Devemos desafiar a obsessão predominante pela produção e saída que molda os sistemas alimentares de hoje para garantir que todas as pessoas não tenham apenas calorias para consumir, mas que todos possam comer dietas saudáveis e sustentáveis.

Propomos o seguinte plano de quatro pontos para a transformação do sistema alimentar para as pessoas e o planeta.

1. Vontade política para transição em direção a um sistema agrícola diversificado para dietas saudáveis e sustentáveis

A transição para dietas saudáveis e sustentáveis exigirá uma transição justa dos sistemas alimentares, envolvendo um sistema agrícola diversificado que produza alimentos variados e mais saudáveis. A transformação requer uma mudança de mentalidade longe de uma perspectiva centrada no comercialismo. Isso só pode funcionar se líderes políticos locais, nacionais e globais demonstrarem a vontade política de impulsionar a mudança.

Isso exige uma mudança de foco dos grandes números de aumento da quantidade e do rendimento dos alimentos para fatores que impulsionam a diversidade, qualidade e acessibilidade de uma dieta saudável. As soluções para um futuro sustentável e seguro em termos de alimentação e nutrição não devem ser medidas pela quantidade de alimentos, rendimentos e calorias entregues pela agricultura, mas sim pela qualidade dos alimentos e pela disponibilidade de alimentos saudáveis e diversos para todos.

Um sistema alimentar diversificado deve proteger e conservar a rica biodiversidade agrícola, incluindo cultivos, sementes e raças de animais. Deve fornecer diversidade em dietas saudáveis, mercados, tecnologia e nos processos de conhecimento local, tradições e patrimônio cultural. E garantir a resiliência e melhores meios de subsistência para os agricultores, o bem-estar e a saúde do consumidor e a proteção ambiental.

A atual crise global de preços dos alimentos exige soluções sistêmicas que priorizem a soberania alimentar e garantam o acesso a dietas saudáveis e adequadas para todos. Os compromissos nacionais precisam de uma abordagem de sistemas alimentares para garantir o acesso a alimentos integrais acessíveis, especialmente para comunidades de baixa renda e vulneráveis ao clima. Isso deve apoiar a agricultura agroecológica local, práticas agrícolas indígenas, dietas tradicionais e produtores em pequena escala.

Precisamos adotar uma abordagem de sistemas alimentares que inclua todas as atividades da cadeia alimentar (produção, processamento, distribuição, preparação, consumo e pós-consumo de alimentos) e a redução de perdas e desperdício de alimentos. Os resultados do sistema alimentar devem ser avaliados pela nutrição alimentar, o sustento dos produtores de alimentos e outros atores nas cadeias de valor dos alimentos e o impacto no meio ambiente.

2. Construindo a base de conhecimento e evidências para soluções agrícolas diversificadas

Precisamos aproveitar o conhecimento, dados e evidências para orientar a transformação do sistema alimentar para sistemas agrícolas diversificados. Isso significa aumentar o conhecimento e as evidências para a contribuição que a agricultura indígena, agroecológica e de pequena escala pode dar para fornecer dietas saudáveis e sustentáveis para todos.

As decisões políticas sobre sistemas alimentares geralmente são tomadas com base em evidências científicas disponíveis e análises econômicas influenciadas por interesses corporativos, muitas vezes perdendo as perspectivas de uma diversidade de atores importantes. A escassez de conhecimento sobre produção local, indígena, agroecológica e em pequena escala na tomada de decisões contrasta fortemente com o enorme investimento em conhecimento e dados para alimentos industriais^{xvi}. Isso dá um viés imediato de evidência para a tomada de decisões políticas e financeiras para alimentos e agricultura.

É preciso um foco maior e um investimento na construção de evidências e dados sobre soluções tradicionais e locais, garantindo que detentores de conhecimento local e indígena e suas percepções sejam incluídos nos processos de tomada de decisão e na elaboração de soluções. Deve haver melhores evidências sobre o papel que os sistemas alimentares ecológicos podem desempenhar para alimentar o mundo. Dessa forma, podemos aproveitar o conhecimento indígena e os alimentos tradicionais como parte da solução, combinando evidências sobre dietas saudáveis, empregos e meios de subsistência, natureza e ecossistemas.

A filantropia pode desempenhar um papel no financiamento da coleta e promoção do conhecimento local e tradicional, em vez de dados de grandes indústrias. As políticas públicas podem redirecionar o apoio e a aprendizagem para evidências sobre pequenos produtores de alimentos em escala familiar e agroecologia. Os processos globais (como o programa de trabalho da COP27 de Sharm el-Sheikh sobre a implementação da ação climática na agricultura e segurança alimentar) podem garantir que a evidência para alimentos tradicionais e locais se torne uma base para planos de implementação eficazes.

3. Reequilibrar o poder e a influência

Reequilibrar o poder e a diversidade de vozes na mesa de tomada de decisão é essencial para uma transição justa dos sistemas alimentares e agrícolas^{xvii}. Isso deve permitir que as decisões sobre nossos futuros sistemas alimentares sejam informadas por e respondam a muitas vozes e pontos de vista do mundo, incluindo jovens, mulheres, povos indígenas, pequenos agricultores e consumidores.

Grandes operadores da indústria alimentícia frequentemente têm considerável acesso a espaços de tomada de decisão de política alimentar internacional e nacional. A voz de mais de 600 milhões de pequenos agricultores, muitos dos quais são mulheres e povos indígenas^{viii}, frequentemente não é representada na tomada de decisão^{xix}. Para uma tomada de decisão eficaz em nossos sistemas alimentares, é necessário reequilibrar a influência para dar uma voz mais forte aos agricultores, comunidades locais e consumidores.

O equilíbrio deve ter dois componentes:

- **Limitar a interferência de produtores de alimentos industrializados e da indústria de alimentos e bebidas.**

Aqueles com interesses investidos nos sistemas alimentares industriais que estão impulsionando a mudança para dietas insalubres e insustentáveis - incluindo empresas de biotecnologia agrícola, produtores de fertilizantes, agricultores em escala industrial, produtores de fast food e comerciantes de commodities alimentares - têm um alto nível de acesso à tomada de decisões em nível internacional e nacional^{xx,xxi}. Para fornecer uma voz e influência equilibradas para o setor, será importante reduzir a influência das grandes indústrias alimentícias com interesses investidos. Essa regulamentação pode ser baseada em estipulações existentes, como o Artigo 5.3 da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, e orientações existentes para os funcionários da OMS sobre a limitação do envolvimento com a indústria de bebidas alcoólicas.

- **Elevar as vozes das comunidades locais, consumidores, povos indígenas, agricultores de pequena escala e jovens**

Existem muitas plataformas para envolver a diversidade de vozes necessárias para reformar nossos sistemas alimentares para dietas saudáveis e sustentáveis. Por exemplo, a Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) reconheceu grupos de juventude, povos indígenas e grupos de mulheres que podem ser consultados. O papel da Plataforma das Comunidades Locais e Povos Indígenas é reunir diversas formas de conhecimento para projetar e implementar políticas e ações climáticas. A Conferência da Juventude (COY) já trouxe as vozes dos jovens envolvidos nos sistemas alimentares à atenção dos tomadores de decisão de alto nível. Maior destaque deve ser dado ao Mecanismo da Sociedade Civil e dos Povos Indígenas para as Relações com o Comitê de Segurança Alimentar Mundial das Nações Unidas (CSIPM), que dá uma voz e espaço particulares para aqueles mais afetados pela insegurança alimentar e desnutrição. Esses grupos precisam ter maior acesso e influência na tomada de decisões sobre o futuro de nossos sistemas alimentares.

4. Acertando a política, a prática e o financiamento

Existem muitas maneiras práticas de começar a transformação em direção a sistemas alimentares sustentáveis e saudáveis, por meio de regulamentação, diretrizes e financiamento locais, nacionais e internacionais.

Exemplos de medidas práticas que governos locais e nacionais e processos globais podem tomar para iniciar essa transformação incluem:

Local

- Priorização de alimentos saudáveis e sustentáveis para aquisição pública em cozinhas e cantinas públicas (por exemplo, prisões, cuidados com idosos, hospitais e escolas).
- Implementação de programas de educação alimentar e nutricional dentro e fora das escolas.
- Conexão entre produtores e consumidores locais para aumentar o acesso a produtos alimentares produzidos localmente a preços acessíveis.
- Fortalecimento do potencial transformador da agroecologia e de outras abordagens integradas que considerem aspectos ecológicos e sociais.

Nacional

- Facilitação da participação de todos os interessados de comunidades marginalizadas (agricultores camponeses, povos indígenas, mulheres, jovens, pequenos produtores) para que eles sejam incluídos na formulação, execução e monitoramento de políticas de segurança alimentar e nutricional.
- Integração dos sistemas alimentares e dietas saudáveis na próxima rodada de Contribuições Determinadas Nacionalmente (NDCs) no âmbito do Acordo de Paris.
- Redirecionamento do financiamento público e subsídios longe de commodities alimentares insustentáveis e pouco saudáveis em direção a dietas completas, nutritivas, sustentáveis e culturalmente adequadas produzidas por meio de práticas agroecológicas sustentáveis.
- Introdução de políticas que abordem a obesidade e as DCNTs relacionadas à dieta, como restrições à publicidade de alimentos altamente processados (ultraprocessados), regulação da colocação de produtos e ofertas de alimentos não saudáveis em supermercados, especialmente para proteger crianças e jovens ^{xxii}.
- Implementação de modelos nacionais de rotulagem frontal de embalagens que forneçam informações claras e completas para apoiar a seleção de opções mais saudáveis.
- Desenvolvimento de Diretrizes Alimentares Baseadas em Alimentos (DABAs) nacionais, recomendadas pela FAO, OMS e IPCC para atender a objetivos de saúde, biodiversidade e clima.
- Melhoria da proteção da natureza e dos ecossistemas por meio de regulamentações para a agricultura.
- Investimento em campanhas nacionais sobre dietas saudáveis e sustentáveis.
- Financiamento de pesquisas e defesa para influenciar políticas governamentais e práticas industriais em direção a ambientes alimentares melhorados, como o desenvolvimento de ferramentas digitais que possam trazer transparência ao fornecimento de alimentos do mundo e seus impactos ambientais ^{xxiii}.

Internacional

- Fortalecer as Diretrizes da OMS sobre alimentos processados com definições claras e orientações de saúde, esclarecendo conceitos como processamento de alimentos e o impacto negativo da adição de certos ingredientes (como açúcar, gordura, sal, sabores e corantes).
- Introduzir regulamentações sobre critérios de sustentabilidade comercial em produtos importados, como priorizar commodities livres de desmatamento em acordos de livre comércio.
- Aproveitar momentos como a avaliação global da UNFCCC e a avaliação da Cúpula dos Sistemas Alimentares das Nações Unidas para advogar pela transformação dos sistemas alimentares.
- A Presidência da COP28 planeja focar tanto nos sistemas alimentares quanto no clima e na saúde durante 2023, abrindo a oportunidade para dietas sustentáveis e saudáveis se tornarem um legado da reunião da COP28 em dezembro.

Para todas as mudanças de políticas acima, um foco na diversidade de agricultura, dieta e vozes inclusivas será fundamental para alcançar resultados para as pessoas, o planeta e a saúde.

Referências

- ⁱ Stevens et al, 2022, Micronutrient deficiencies among preschool-aged children and women of reproductive age worldwide: a pooled analysis of individual-level data from population-representative surveys, *The Lancet Global Health*. [https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(22\)00367-9/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(22)00367-9/fulltext)
- ⁱⁱ World Obesity Atlas 2023, World Obesity Federation. <https://www.worldobesity.org/resources/resource-library/world-obesity-atlas-2023>
- ⁱⁱⁱ The State of Food Security and Nutrition in the World, 2022. who.int/news/item/06-07-2022-un-report--global-hunger-numbers-rose-to-as-many-as-828-million-in-2021
- ^{iv} Nilson EAF, Ferrari G, Louzada MLC, Levy RB, Monteiro CA, Rezende LFM. Premature deaths attributable to the consumption of ultra-processed foods in Brazil. *Am J Prev Med.* (2022) 1–8. doi.org/10.1016/j.amepre.2022.08.013
- ^v RioOnWatch, 2023, Citizenship Just on Paper: The Economics of Hunger for 33 Million Chronically Hungry in Brazil and Lula’s Plan to Fix It. rioonwatch.org/?p=72747
- ^{vi} M.A. Clark, et al., “Global Food System Emissions Could Preclude Achieving the 1.5° and 2°C Climate Change Targets,” *Science* 370 (6517): 705–708 <https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.aba7357>
- ^{vii} Global Alliance for the Future of Food (2022). Untapped Opportunities: Climate Financing for Food Systems Transformation. <https://futureoffood.org/wp-content/uploads/2022/10/climatefinancereport-english.pdf>
- ^{viii} Proposals for a Tax Policy to Combat Hunger, Health and Environment Promotion <https://actbr.org.br/post/propostas-para-uma-politica-tributaria-de-combate-a-fome-promocao-da-saude-e-do-meio-ambiente/19492/>
- ^{ix} What are food deserts, and how do they impact health? *Medical News Today*, 2022. medicalnewstoday.com/articles/what-are-food-deserts
- ^x The State of Food Security and Nutrition in the World 2022. <https://www.fao.org/publications/sofi/2022/en/>
- ^{xi} Our World In Data, 2019, Half of the world’s habitable land is used for agriculture. <https://ourworldindata.org/global-land-for-agriculture>
- ^{xii} This market is projected to grow from the current 13 million metric tons per year to 97 million metric tons by 2035 when it will represent 11% of the global protein market. See: Monarch et al, 2021, Food for Thought: The Protein Transformation, Boston Consulting Group. bcg.com/publications/2021/the-benefits-of-plant-based-meats
- ^{xiii} Hold off — for now — on feeding seaweed to cows to reduce methane, Joseph McFadden, 2022. thehill.com/opinion/energy-environment/592243-hold-off-for-now-on-feeding-seaweed-to-cows-to-reduce-methane
- ^{xiv} Intergovernmental Panel on Climate Change Sixth Assessment Report (IPCC AR6) Working Group II ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/report/IPCC_AR6_WGII_SummaryForPolicymakers.pdf
- ^{xv} Intergovernmental Panel on Climate Change Sixth Assessment Report (IPCC AR6) Working Group III ipcc.ch/report/ar6/wg3/downloads/report/IPCC_AR6_WGIII_Chapter07.pdf
- ^{xvi} Global Alliance for the Future of Food (2021), The Politics of Knowledge: Understanding the Evidence for Agroecology, Regenerative Approaches, and Indigenous Foodways. futureoffood.org/wp-content/uploads/2022/03/GA-Politics-of-Knowledge.pdf
- ^{xvii} Handbook for non-state actors on engagement with the World Health Organization, WHO, 2018. apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329431/9789241565608-eng.pdf
- ^{xviii} Food and Agriculture Organisation, 2021, Small family farmers produce a third of the world’s food. www.fao.org/news/story/en/item/1395127/icode/
- ^{xix} Whose paradigm counts? An Australia-Pacific perspective on unheard voices in food and water systems, The George Institute. cdn.georgeinstitute.org/sites/default/files/documents/final-un-fss-submission-11082021.pdf
- ^{xx} Rising up against corporate capture of food and policy making, FIAN International, 2021. fian.org/en/press-release/article/rising-up-against-corporate-capture-of-food-and-policy-making-2852
- ^{xxi} Preventing and Managing Conflicts of Interest in Country-level Nutrition Programs: A Roadmap for Implementing the World Health Organization’s Draft Approach in the Americas, WHO, 2021. iris.paho.org/handle/10665.2/55055
- ^{xxii} Protecting children from the harmful impacts of food marketing, WHO et al who.int/publications/i/item/9789240051348
- ^{xxiii} Food Switch, The George Institute. georgeinstitute.org/projects/foodswitch

Este relatório tem o apoio das seguintes organizações:



HCN (Rede Saúde e Clima) é patrocinado pelo Clean Air Fund.



Este é parte de uma série de Boletins HCN, disponíveis em: <http://healthandclimatenetwork.org/resources/>

